

“Entre o desprezo e a estima habitam pombos, ou, como se conviver com o cotidiano não amado”²⁵

Sarah Faria Moreno²⁶

Resumo: Este trabalho pretende abordar uma reflexão a respeito das diversas relações entre pessoas e pombos urbanos no contexto da cidade de Santos, especialmente no porto – que se faz como local foco de minha pesquisa. Essas reflexões partem da noção de *unloved others*, de Deborah Rose e Thom van Dooren (2011), bem como da *antropologia da vida*, de Eduardo Kohn (2007; 2013). Nota-se, a partir dos dados trazidos, tanto por meio de notícias, quanto de minha pesquisa de campo, dois pressupostos antitéticos de relações entre pessoas e pombos, os quais apontam para interações de combate, nojo, controle e apreciação, proteção, convívio por parte das pessoas. Espera-se trazer, então, ao debate, questões referentes às possibilidades de convivência, ou, como se propõe neste contexto de discussão, o *viver entre animais*. Entendendo que estas interações se dão de maneiras diversas, procuro refletir como a noção de *unloved others* pode auxiliar para se pensar os pombos, uma vez que, estes, em determinados contextos e situações, podem se tratar de uma espécie tida como *não querida* pelas pessoas. Também se fará necessário mostrar o contraste das relações, isto é, situações em que pombos são apreciados pelas pessoas, bem como o contraste com outras espécies animais que se aproximam, ou distanciam, destas posições de apreço e desgosto. Desta maneira, trago alguns dados iniciais de meu campo que apontam para possibilidades ambíguas de se conviver com os pombos, bem como no que diz respeito aos espaços por eles habitados, principalmente o Porto de Santos.

Palavras-chave: humanos e animais; pombos; *unloved others*; cidades.

25 Esta é uma versão modificada do trabalho apresentado junto à disciplina de Tópicos Especiais em Antropologia, do PPGAS da UFSCar. Agradeço aos comentários da professora Catarina Morawska Vianna que me encorajaram a avançar nas discussões do trabalho proposto. Agradeço ainda aos comentários de todos os colegas do HUMANIMALIA (Antropologia das Relações Humano-Animais, da UFSCar) que, de várias formas, beneficiaram essa escrita.

26 Mestranda em Antropologia Social pelo PPGAS/UFSCar.

Mais próximo do que parece; mais conhecido do que se pensa: quem são esses não amados de nosso cotidiano?

A proposta deste artigo é pensar os pombos urbanos a partir da noção de *unloved others*, de Deborah Rose e Thom van Dooren (2011), levando em consideração diversos contextos e situações das relações entre as pessoas e estas aves. Não se trata de já pressupor que pombos sejam, de fato, não amados, uma vez que, como veremos adiante, alguns dados apontam para a apreciação dos pombos; trata-se, portanto, de analisar como essa noção pode nos ajudar a pensar os pombos urbanos, verificando se existem similaridades com as relações já estudadas por antropólogos que se utilizam deste termo (VAN DOOREN, 2011; TSING, 2011), com o material inicial que venho coletando a respeito das relações diversas entre pessoas e pombos. Este é um dos interesses de minha dissertação de mestrado, a qual deverá abarcar, para além desta, outras questões que interessam à Antropologia, a partir das relações entre humanos e animais – em específico as aves –, a saber: como os pombos são pensados a partir de critérios éticos, estéticos, políticos, religiosos, sanitários, e de que modo eles nos ajudam a refletir sobre as relações entre natureza e cultura nas cidades.

Os dados de campo, previamente coletados, são notícias veiculadas pela imprensa, local e global, sobre algumas relações estabelecidas entre pessoas e pombos urbanos – as quais me foram essenciais para a construção da ideia de pesquisa –, bem como os primeiros relatos de minha pesquisa de campo, a qual tem como foco o Porto de Santos, por se tratar de um local atrativo aos pombos, tanto pelas condições de sua arquitetura, quanto de sua dinâmica; isto é, devida a grande movimentação de grãos, e consequentemente seu derramamento, que ali ocorre, os pombos passam a ocupar, principalmente, os terminais do porto.

Esses dados apontam para algumas possibilidades de relação, como o combate, nojo, controle, apreciação, proteção e convívio. As notícias trazem os pombos como pragas urbanas, vetores a serem combatidos de diversas formas, geradores de um enorme incômodo às pessoas, mas também apontam para um convívio positivo entre as pessoas e os pombos, seja alimentando-os ou deixando-os empoleirarem em seus corpos e moradias; outras notícias, ainda, relatam um quesito artístico de apreço pelas aves na forma de fotografias, bem como intervenções artísticas com as mesmas. Já os dados de campo, embora iniciais, apontam para algumas tensões dentro disso que estou chamando, provisoriamente, de *rede portuária* – isto é, todos os agentes envolvidos e em relação dentro do contexto do porto, como a CODESP (Companhia Docas do Estado de São Paulo) e seus



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

funcionários, os terminais e *gates*, as cargas, os pombos, a empresa que atua no controle das aves, as barreiras e repelentes instalados, a prefeitura e, possivelmente, a antropóloga em questão. Tanto as notícias, quanto o campo, serão exploradas em detalhes adiante.

Quando pensamos nos pombos dentro das relações de apreciação, proteção e convívio, talvez não pareça cabível a ideia de *unloved others*, uma vez que, em sua maioria, são espécies não mamíferas que estão mais próximas do cotidiano humano, como os abutres ou urubus²⁷ (VAN DOOREN, 2011) e cogumelos (TSING, 2011), porém menos visíveis e menos bonitas em comparação aos animais tidos como “queridos”, que capturam nosso imaginário e são encontrados, geralmente, nas visitas a zoológicos, como os ursos pandas, tigres, baleias – para utilizar os exemplos de Rose e van Dooren (2011). É válido mencionar, nesse sentido, a questão do especismo, discutida por Philippe Descola (1998), de que a simpatia dos humanos por alguns animais se deve a aspectos comportamentais, fisiológicos e outros, desses animais; por isso, acredita-se que os “mamíferos são os mais bem aquinhoados nessa hierarquia do interesse” (DESCOLA, 1998:23). Contudo, lembremos que ratos e morcegos são mamíferos e, nem por isso, parecem ser tão aquinhoados assim pelas pessoas. Já outros não mamíferos, como as tartarugas-marinhas, por exemplo, parecem cativar bem mais os humanos, no sentido em que existe, por parte desses, toda uma proteção às tartarugas, como o Projeto Tamar. Esses exemplos servem-nos para mostrar que existem muitas exceções em relação às espécies que abrangem esses *unloved others*, bem como as situações em que esses mesmos se encontram. Pombos – ou *ratos de asas*, como são popularmente, e odiosamente, ditos –, portanto, podem ser também *unloved others*, uma vez que são desprezados e considerados sujos por muitas pessoas.

Entendendo, então, quem são esses *unloved others*, apresentarei as relações já estudadas por Thom van Dooren (2011) e Anna Tsing (2011) para verificarmos algumas possibilidades de convivência entre humanos e não humanos e, em seguida, as relações estudadas por Eduardo Kohn (2007), para melhor compreendermos a ideia de antropologia da vida – que está também atrelada à etnografia multiespecífica de Kirksey e Helmreich (2010), a qual preza pelos efeitos do

27 Optei por abranger duas traduções, pois Thom van Dooren utiliza a palavra *vultures* para se referir ao gênero *Gyps*, em especial, mas não somente – ele também menciona outros *scavengers* (detritívoros), animais que, basicamente, se alimentam de restos mortais.

emaranhamento das relações entre diversas vidas, além das humanas. Assim, ao perceber o mundo como mais-que-humano, essas relações interespecíficas atravessam as fronteiras entre natureza e cultura, animal e humano. Uma vez entendendo essas noções, partirei para a análise dos dados, a fim de perceber de que forma eles podem dialogar com as propostas destes autores.

Mundos multiespecíficos; saberes mais-que-humanos

Thom van Dooren (2011) trata da questão da extinção dos abutres na Índia, explicando um pouco das causas e consequências dessa extinção. Destacarei alguns pontos que me interessam aqui, a respeito dos ambientes que os abutres habitam e suas relações com as pessoas e outros agentes. O primeiro destes, que deve ser deixado claro de antemão, é que este é um caso específico da Índia, tendo em vista a cultura e religião hinduísta, a qual reflete nos hábitos alimentares das pessoas. Lá, bovinos não são comidos por pessoas, e quando um destes animais morre, fica exposto a céu aberto – nas ruas ou lixões – sendo comido pelos abutres. O problema da extinção dos abutres começou quando os bois passaram a ser tratados com diclofenaco. O medicamento permanece na carcaça do boi após a morte e, quando os abutres se alimentam dessa carcaça, o medicamento é também ingerido, ocasionando a morte em massa destes últimos, o que tem afetado toda uma cadeia de seres vivos.

Um segundo ponto é a posição entre a vida e a morte em que os abutres se encontram, isto é, é na morte (dos bois) que os abutres encontram sua fonte de sustento (*nourishment*). Esta condição, como bem sugere van Dooren (op. cit.), se atrela à ideia de *becoming-with* de Donna Haraway (2008), uma vez que os abutres são capazes de “tornar a morte em vida novamente”²⁸ e entendem o emaranhado da vida e da morte, como uma possibilidade de continuidade de comunidades multiespecíficas.

A partir disso, quando ocorre o envenenamento dos abutres por meio do diclofenaco, outro ponto passa a interessar-me aqui. Os abutres, na Índia, vivem próximos aos humanos, pois é em ambientes urbanos e semiurbanos que encontram carcaças para se alimentarem. O fato de se alimentarem dessas carcaças nesses ambientes, faz com que estes se mantenham, de certa forma, limpos e livres de doenças e potencial contaminação que ameaçam os humanos. Pode-se dizer que os

28 “[...] to ‘twist’ death back into life”. (VAN DOOREN, 2011:48).



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

abutres contribuem para uma manutenção de higiene na cidade. No entanto, quando o cenário muda, ocorrendo a morte em massa dos abutres, algumas consequências são ocasionadas. Van Dooren (op.cit.) destaca que se trata de uma cadeia em que os dependentes diretos de certas relações sintam mais as consequências do que outros; por exemplo, cães, que agora passam a contrair raiva por se alimentar das carcaças de que, outrora, os abutres se alimentavam. Desta forma, passa a ocorrer o que van Dooren (op.cit.) chama de “morte dupla” (dos abutres e cães), e que, diferentemente da morte dos bovinos, esta morte dupla não é geradora de vida. O ponto principal, portanto, e que perpassa os demais, é o de que todo esse emaranhado de relações entre humanos e não humanos (abutres, bovinos, diclofenaco, cães) atravessam o binarismo dessas relações reduzido à natureza/cultura para a “produção de um vasto mundo multiespecífico” (VAN DOOREN, 2011:56-57 – tradução minha).

Assim como van Dooren, Anna Tsing (2011) também apresenta a questão de mundos multiespecíficos a partir de algumas formas de amor em relação aos cogumelos em seu artigo *Arts of inclusion, or how to love a mushroom*. Não nos interessa aprofundar nas formas de amor em si, mas como estas estão ligadas aos mundos multiespecíficos. A autora descreve a paisagem formada pelos cogumelos nas florestas como uma cidade: uma cidade subterrânea (*underground city*) onde se entrecruzam redes de emaranhados entre os fungos e as raízes das árvores, denominadas micorrizas. A partir dessas micorrizas, são estabelecidas relações de alimentação nesta cidade, por onde circulam nutrientes entre os fungos e as árvores. Adiante, Tsing contrasta a cidade subterrânea com a cidade humana, apontando as destruições necessárias para novas construções, e a extinção da cidade subterrânea (ou desse mundo multiespecífico) decorrente destas destruições humanas.

As formas de amor em relação aos cogumelos, que a autora traz em seu texto, são uma alternativa a essa extinção das cidades subterrâneas, uma vez que, a partir destas práticas (como a taxonomia dos fungos, a coleta de cogumelos que não podem ser cultivados, ou a disseminação de conhecimento a respeito desses fungos), a diversidade dessas vidas possa ser reconhecida. No fundo, Tsing busca enfatizar uma nova linha de estudos chamada “*multispecies love*” em contraste a algumas maneiras tradicionais de se fazer ciência. Nas palavras de Tsing (2011:19), “unlike earlier forms of science studies, its *raison d'être* is not, mainly, the critique of science, although it can be critical. Instead, it allows something new: passionate immersion in the lives of the nonhumans being studied.”

Se, por um lado, Tsing (op.cit.) propõe brevemente uma nova linha de estudos de imersão nas vidas de seres não humanos, por outro lado, Eduardo Kohn (2007) já trazia a proposta de se fazer



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

uma *antropologia da vida* – embora ambas não sejam a mesma coisa, é possível notar que se trata de propostas semelhantes, no sentido em que ambas são mais-que-humanas.

Kohn (op.cit.) analisa minuciosamente a relação entre os cães e seus donos na Amazônia equatoriana, a partir de um evento ocorrido em que três cães foram capturados por um jaguar e isso não pudera ser previsto em seus sonhos (dos cães). Os pontos de maior interesse aqui são como é feita uma antropologia da vida e como se dá a comunicação entre as pessoas e os cães. Esses pontos estão intimamente relacionados, tendo em vista que Kohn utiliza-se de Bruno Latour para explicar que humanos e não humanos são tidos como “agentes” (*selves*), já que não apenas são representados (os últimos pelos primeiros), mas também constroem representações. Desta forma, ele nos explica que não se trata de olhar só para o humano, ou só para o animal, mas para as interações entre estes, uma vez que ambos são agentes e, portanto, ambos constroem representações uns dos outros. Isso só se torna possível compreender, a partir do momento em que percebemos o mundo como “mais do que humano”, isto é, entendendo que não humanos podem se comunicar – porém, sem necessariamente falar, tal como os humanos, uma vez que essa comunicação excede a fala. Assim, passamos a entender que os humanos não são os únicos “conhecedores” (*knowers*), como sugere Kohn (2007; 2013), e que o que ele entende por vida é um processo de criação e representação de signos – em outras palavras, semiótica. Mas se não humanos também constroem representações, logo, “what we share with nonhuman living creatures, then, is not our embodiment, as certain strains of phenomenological approaches would hold, but the fact that *we all live with and through signs*. We all use signs as “canes” that represent parts of the world to us in some way or another. In doing so, *signs make us what we are.*” (KOHN, 2013:09 – grifo meu).

A partir disso, Kohn (2007) apresenta algumas especificidades do povo Ávila Runa, por exemplo, alguns perigos nas interações entre humanos e não humanos – pois, se cada ser habita uma natureza distinta²⁹, a partir de seu ponto de vista, ao tentar adotar um ponto de vista outro, isso pode resultar no que Kohn chamou de devir; as interpretações atribuídas aos sonhos dos cães, de acordo

29 Aqui, Kohn explica que a ideia de multinaturalismo de Eduardo Viveiros de Castro é cabível aos Ávila Runa, uma vez que eles também compreendem que cada ser vivo se vê como pessoa, mas são vistos de formas diferentes uns pelos outros, isto é, cada qual habita sua própria natureza. Ver exemplo da percepção de cheiros pelos abutres em Kohn, 2007, p. 07.

com a maneira que latem, e; o procedimento adotado para os donos falarem com seus cães. Esta última especificidade é interessante por apresentar um rompimento das fronteiras entre o que é o humano e não humano. O procedimento adotado, duas vezes na presença de Kohn, é o de dar um alucinógeno ao cão para que, sob o efeito da droga, o cão possa tornar-se xamã³⁰ e, assim, atravessar a fronteira que o separa dos humanos. Desta forma, é possível que o cão compreenda a fala de seu dono. No entanto, o dono adota uma nova forma de linguagem, um pidgin, a qual Kohn compara à maneira com que uma mãe fala com seu bebê (*motherese*). Percebe-se, neste caso, que não apenas o cão, mas também seu dono, atravessam uma fronteira – talvez de ordens distintas, já que são pontos de vistas distintos, o do dono e o do cão. Contudo, cão e dono parecem passar por um “devir outro” que ocorre, exatamente, nesta relação de comunicação entre ambos. Segundo Kohn (2007:18 – grifo meu), “these pidgins also conform to *something more abstract about the referential possibilities available to any kind of self*, regardless of its ontological status as human, organic, or even terrestrial, and this involves the constraints of certain kinds of semiotic forms.”

O que temos em comum entre os três textos aqui é a proposta de se fazer uma nova antropologia que considere o mundo mais-que-humano – no caso de Kohn, não considerando o humano como único “conhecedor”. Seja uma antropologia da vida ou multiespecífica, o ponto comum que as atravessa é o de encarar como seres interagem, agem e afetam nossas percepções, mas também percebem o mundo.

No caso específico de minha pesquisa, analisarei os dados de campo previamente coletados a respeito das relações entre as pessoas e os pombos urbanos tendo como base as discussões em torno dos *unloved others* e a estratégia dessa nova antropologia.

Entre o desprezo e a estima habita um pombo; entre mares e terras, um porto

Conforme exposto no início deste artigo, as relações entre humanos e pombos urbanos são das mais diversas. Podemos pensá-las, simploriamente, como negativas e positivas, no sentido em que as negativas seriam as que fazem referência a combate, nojo e controle, ao passo que as positivas seriam as de apreciação, proteção e convívio. Agrupei-as desta forma apenas para fins de melhor

30 “The Runa must make their dogs into shamans”. (KOHN, 2007:13)



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

organização na exposição das notícias, porém, entende-se que estas relações são muito mais complexas que apenas negativas ou positivas. Assim, em relação às negativas, valem, sobretudo, as notícias que apontam para proibições de alimentar as aves e extermínios das mesmas. A esse respeito, vários municípios já adotam leis que proíbem as pessoas de alimentarem pombos, sob pena de multa, uma vez que essas aves, neste contexto, passam a ser consideradas pragas urbanas, vetores a serem controlados. Alguns dos municípios a adotarem tal lei são Caxias do Sul/RS³¹, Guarulhos/SP³² e Veneza (Itália)³³. O caso de Veneza faz-se interessante por apresentar outros aspectos, referente ao turismo e à conservação patrimonial. Pode-se dizer que os pombos fazem – ou ao menos faziam, antes da proibição – parte do turismo veneziano, uma vez que a Praça de São Marcos recebe turistas diariamente que interagem de diversas formas com as aves, seja alimentando-as, tirando fotos, ou deixando-as empoleirarem em seus corpos. Além disso, também havia vendedores de grãos na Praça com a finalidade de movimentar esse turismo e as práticas de alimentação por parte dos turistas. Com a proibição desta prática, em 2008, foi também proibido o comércio de grãos na Praça, com a justificativa de que as fezes dos pombos estavam deteriorando monumentos e que a limpeza e restauração dos mesmos custariam em torno de 200 euros por morador anualmente³⁴.

No que diz respeito ao extermínio das aves, de acordo com os dados das notícias, estes ocorrem de duas maneiras: como uma medida de controle da superpopulação de pombos, e de maneira criminosa. No primeiro caso, tem-se o registro de medidas tais como utilização de falcões, que são

31 Pioneiro (2013). “Câmara de Vereadores aprova projeto que proíbe alimentação de pombos em Caxias do Sul”, 28 de agosto. <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2013/08/camara-de-veredores-aprova-projeto-que-proibe-alimentacao-de-pombos-em-caxias-do-sul-4250190.html>>. Acesso em 24 de fevereiro de 2016.

32 PORNE, Carolina (2015). “Guarulhos cria multa para quem alimentar pombos em locais públicos”, Folha de São Paulo, 31 de agosto. <<http://mural.blogfolha.uol.com.br/2015/08/31/guarulhos-cria-multa-para-quem-alimentar-pombos-em-locais-publicos/>>. Acesso em 24 de fevereiro de 2016.

33 POVOLEDO, Elisabetta (2008). “Venice bans pigeon feeding in St. Mark's Square”, The New York Times, 8 de maio. <<http://www.nytimes.com/2008/05/08/world/europe/08iht-pigeon.4.12710015.html>>. Acesso em 26 de setembro de 2015. Acesso em 14 de dezembro de 2015.

34 STEWERT, Phil (2008). “Venice to fine tourists who feed pigeons”. The Reuter, 30 de abril. <<http://www.reuters.com/article/us-venice-pigeons-idUSL3070027920080430#mfPwC0cwMLkZbLTT.97>>. Acesso em 14 de dezembro de 2015.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

os “predadores naturais” dos pombos, em Campo Grande/MS³⁵, e a utilização de robôs que imitam falcões, batendo asas e emitindo sons para espantar os pombos, em Edimburgo (Escócia), Reino Unido e Holanda³⁶. Já no segundo caso, as medidas são adotadas por sujeitos ocultos, e não por um órgão público e/ou responsável pelas atividades de controle de zoonoses. Trata-se de abates por envenenamento das aves: em Caxias do Sul/RS³⁷, após as aves ingerirem um farelo amarelo, e em Belo Horizonte /MG, com “chumbinho”³⁸. Logo, considera-se um extermínio criminoso, tendo em vista a Lei de Crimes Ambientais, que julga crime contra a fauna “praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos”.

É válido ainda mencionar o caso específico de Londrina – PR, a fim de análises posteriores, onde um monsenhor defende o abate de pombos na Praça da Catedral, desafiando ambientalistas: “Se ambientalista quer saber, que venha aqui, que more aqui, que fique um dia, quando tem esse cheiro. Nós estamos *defendendo a saúde*. Estamos *defendendo a população*”.³⁹

Já no que se refere às relações positivas, sobressaem-se as de convívio, em que pombos são, ou passam a ser, queridos pelas pessoas. Isso ocorre, conforme já mencionado no caso de Veneza, quando as pessoas alimentam os pombos e deixam-nos empoleirarem em seus corpos. O que parece ser uma cena cotidiana comum pode acarretar na reabilitação de praças, como no caso de Teresina –

35 Correio do Estado (2015). “Falcões combatem população de pombos na rodoviária da Capital”. 13 de abril. <<http://www.correiodoestado.com.br/cidades/campo-grande/falcoes-combatem-populacao-de-pombos-na-rodoviaria-da-capital/244033/>>. Acesso em 24 de fevereiro de 2016.

36 RIBEIRO, Daniel (2013). “Robô é instalado para espantar pombos em estação de trem na Escócia”, Tech Tudo, 21 de março. <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2013/03/robo-e-instalado-para-espantar-pombos-em-estacao-de-trem-na-escocia.html>>. Acesso em 24 de fevereiro de 2016.

37 G1 (2016). “Mais de 100 pombas são encontradas mortas na Serra do RS”. 14 de janeiro. <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/01/mais-de-100-pombas-sao-encontradas-mortas-na-serra-do-rs.html>>. Acesso em 14 de setembro de 2016.

38 COUTINHO, Jefferson (2014). “Extermínio de pombos na Savassi causa indignação e indiferença”, Estado de Minas, 11 de janeiro. <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/01/11/interna_gerais,486837/exterminio-de-pombos-na-savassi-causa-indignacao-e-indiferenca.shtml>. Acesso em 14 de dezembro de 2015.

39 G1 (2014). “Igreja faz abaixo-assinado pelo abate de pombos em Londrina, no Paraná”, 26 de maio. <<http://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2014/05/igreja-faz-abaixo-assinado-pelo-abate-de-pombos-em-londrina-no-parana.html>>. Acesso em 25 de setembro de 2015, meu grifo.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

PI⁴⁰, em que uma praça pública foi reabilitada por conta da interação das pessoas com os pombos: turistas iam ao local alimentar e tirar fotos com os pombos empoleirados em seus ombros, tornando tal prática comum ali. E ainda, segundo um vendedor de lanches da praça, uma mulher ficou conhecida como “rainha dos pombos” por alimentá-los diariamente. No entanto, o desprezo por pombos é estendido também às pessoas que os alimentam, como ocorreu em São Vicente/SP onde, por duas vezes, uma residência foi motivo de reclamação da vizinhança à imprensa local⁴¹ e prefeitura por existir um acúmulo de pombos, já que eram ali alimentados.

Outra situação é a dos pombos como arte. Em 2012, na Bienal de Arquitetura de Veneza, dois artistas fizeram um projeto intitulado “*Some pigeons are more equal than others*”, que consistia em colorir os pombos da Praça São Marcos de variadas cores (amarelo, azul, roxo, verde) com o objetivo de que os pássaros fossem mais bem aceitos pelas pessoas: “se você for capaz de mostrar isso [que cada pombo tem uma identidade própria] por meio de diferentes cores, os pombos serão mais aceitos pelas pessoas”, diz a notícia⁴². Além deste projeto, o fotógrafo Andrew Garn fotografa pombos com a finalidade de capturar a essência e a personalidade das aves. Ele entende que a quantidade de pombos é problemática e um fator que influencia na percepção das pessoas, uma vez que, se em menor quantidade, as pessoas os veriam de forma diferente. Ele compara a raridade às joias:

“The problem is that there are just too many pigeons,” says Garn. “If they were rare, people would see them differently. I see them as jewels.” [...] “It’s easy to

40 RIBEIRO, Efreim (2015). “Garças e pombos reabilitam dois pontos turísticos de Teresina”, Meio Norte, 19 de janeiro. <<http://www.meionorte.com/blogs/efreimribeiro/passaros-reabilitam-dois-pontos-turisticos-de-teresina-310403>>. Acesso em 14 de dezembro de 2015.

41 A Tribuna (2015). “Pombos são alimentados em casa de São Vicente e vizinho reclama”. 05 de julho. <<http://www.atribuna.com.br/noticias/noticias-detalle/cidades/dezenas-de-pombos-sao-alimentados-em-casa-de-sao-vicente-e-vizinho-reclama/?cHash=69ae106c65b22ea7cb0a3986f88b2b8c>> Acesso em 14 de dezembro de 2015.

A Tribuna (2015). “Casa cheia de pombos volta a ser alvo de reclamação em São Vicente”. 18 de novembro. <<http://www.atribuna.com.br/noticias/noticias-detalle/sao-vicente/casa-cheia-de-pombos-volta-a-ser-alvo-de-reclamacao-em-sao-vicente/?cHash=1f1f90e532f1af76fe29e37063859ca3>>. Acesso em 14 de dezembro de 2015.

42 SQUIRES, Nick (2012). “Venice's pigeons dyed red, blue and green”. The Telegraphy, 27 de agosto de 2012. <www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/italy/9501773/Venices-pigeons-dyed-red-blue-and-green.html>. Acesso em 26 de setembro de 2015 – minha tradução.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

photograph something that is already considered beautiful, like a flower in a meadow, but harder to focus on something that is seen everyday” he says.⁴³

Além de arte, pombos também podem ser atletas, quando olhamos para as práticas de columbofilia. Mesmo sendo mais popular na em Portugal, por exemplo, a columbofilia também é praticada no Brasil. O esporte é, basicamente, uma competição de “pombos-correios”. Estas aves, consideradas “atletas alados”⁴⁴, são diferenciadas dos “pombos urbanos”, diferenciação esta evidenciada na fala de um criador de pombos-correios que afirma: “os animais em questão [os pombos-correios] sofrem um forte preconceito por conta de um senso comum em relação às espécies encontradas nas ruas”. Nota-se claramente a diferenciação neste trecho, mas faz-se um tanto contraditório ao dizer em seguida que “[o]s pombos não transmitem doenças como se é veiculado [...] não existe doença exclusiva de pombo”⁴⁵. Ora, se de fato não existe doença exclusiva de pombo, não seria preciso enfatizar que os “atletas” sofrem preconceito em decorrência dos demais pombos. De uma maneira ou de outra, é sugerido que, devido aos cuidados específicos para com os pombos-correios, estes estão “imunes” à posição comum de vetores em que os “pombos urbanos” se encontram.

Estas notícias conduziram minha pesquisa a tratar das controversas relações entre pessoas e pombos urbanos. Deste modo, trago agora alguns relatos etnográficos⁴⁶ ainda iniciais na cidade e no Porto de Santos – SP. A escolha deste campo, conforme já explicada, se deu pela abundância das aves ali: a expansão das atividades portuárias, combinada com a ausência de predadores naturais de pombos (gaviões e falcões) – uma característica de Santos – SP –, faz com que o local seja um atrativo aos pombos. No entanto, essa presença em demasia das aves passou a se tornar um problema para a

43 SILBER, Emily (2015). “Pigeon Portraits Reveal the City Bird’s True Beauty”. Audubon, 15 de setembro de 2015. <<https://www.audubon.org/news/pigeon-portraits-reveal-city-birds-true-beauty>>. Acesso em 25 de setembro de 2015.

44 ABREU, Filomena (2015). “O eterno enigma dos pombos”. Jornal de Notícias, 26 de maio de 2015. <www.fpcolumbofilia.pt/FundoNacional2015/JornalDeNoticias.pdf>. Acesso em 03 de dezembro de 2015.

45 R7 (2015). “No Distrito Federal, homem cria 176 pombos-correio”. 17 de maio. <www.noticias.r7.com/distrito-federal/no-distrito-federal-homem-cria-176-pombos-correio-17052015>. Acesso em 03 de dezembro de 2015.

46 Os nomes aqui utilizados são fictícios.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

cidade e para o porto, os quais passaram a trabalhar com medidas de controle de pombos. Uma dessas medidas se trata de um programa de controle de pombos, instituído pela CODESP (Companhia Docas do Estado de São Paulo) no Porto de Santos, e ficando a cargo da GESET (Gerência de Segurança do Trabalho). O responsável por esse programa é um médico veterinário da CODESP e chefe de serviço da GESET, com o qual iniciei o contato a fim de acompanhar o programa em questão.

Já em nossa primeira reunião, algumas tensões entre terminais, CODESP e cidade começavam a aparecer. Para fins de contextualização, entrei em contato com o veterinário da CODESP, Vicente, por e-mail, explicando o interesse de minha pesquisa. Marcamos essa reunião – que foi na verdade uma conversa sobre minhas intenções e metodologia – no prédio da GESET, para que eu já fosse apresentada à equipe. Conversamos eu, Vicente e Felícia (também veterinária da CODESP), discutindo a respeito dos procedimentos de minha pesquisa, em que eu poderia ir aos terminais, cais, docas e presidência conversar com as pessoas e acompanhar as atividades de instalação de barreiras e repelentes de pombos nas edificações da CODESP. Com exceção da presidência – que tudo indica ser o prédio da CODESP –, nos demais lugares eu deverei estar sempre acompanhada de um dos técnicos da GESET, já que se trata de lugares perigosos, segundo os veterinários.

As tensões na rede portuária, que notei existirem, apareceram claramente na fala dos veterinários. A primeira delas é entre terminais e CODESP. Vicente me explicou que “o Porto de Santos é CODESP”, e dentro dele estão os terminais, que são empresas privadas, responsáveis pelas cargas de importação e exportação – isto é, o trânsito de cargas dos trens vindos do interior do Estado aos navios e vice-versa. O primeiro problema é que, por tratar-se de empresas privadas, a CODESP não pode atuar com o programa de controle de pombos nesses terminais; caberia a essas empresas tomarem medidas. O segundo problema é que os trabalhadores dos terminais responsabilizam a CODESP pelo acúmulo de pombos. Essa tensão é estendida para as palestras promovidas pela GESET, onde, segundo Vicente e Felícia, os participantes discutem seriamente, e polemicamente, culpando uns aos outros.

Tive a oportunidade de acompanhar uma dessas palestras, que tratou, justamente, do programa de controle de pombos. Foi uma ocasião que se mostrou muito interessante para pensar, inicialmente, as relações das pessoas com os pombos no Porto de Santos. A palestra foi oferecida pela empresa, contratada pela CODESP, responsável pela atuação do programa, e a equipe consistia,



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

basicamente, de um biólogo, uma engenheira agrônoma e um médico veterinário. O palestrante principal foi o biólogo, iniciando sua fala com algumas características biológicas e comportamentais dos pombos – hábitos de alimentação, frequência de reprodução, etc. – pois, segundo ele “é preciso conhecer a biologia do pombo para poder manejar”. Ele também deixou claro que o objetivo do programa “não é eliminar, não é fazer o controle, é fazer o manejo”, já que os pombos “podem proporcionar risco de saúde pública e econômica”. Em relação à saúde pública, o médico veterinário da equipe explicou as principais doenças que podem ser transmitidas pelos pombos aos humanos – a maioria delas, a partir do contato com as fezes. Já em relação à economia, o biólogo mencionou a possibilidade de contaminação de cereais e silos, danos a estruturas, superfícies e equipamentos, bem como obstrução de calhas e dutos – o que também pode, segundo ele, desencadear na proliferação do *Aedes Aegypti* nessas calhas. No mais, ao longo da palestra, foram explicados os procedimentos de instalações de barreiras físicas e trazidos os resultados de locais em que já ocorreram essas instalações, para que fosse mostrada a eficiência na redução do número de pombos no local. Uma das falas do biólogo que mais me chamou a atenção foi que “não é só colocar tela, é saber colocar” porque, ao explicar que o programa é constante, devido a característica de adaptação da fauna, “o pombo não é tão besta assim, você colocou uma coisa, ele vai ficar estudando”. E mais, “o pombo pode conviver no mesmo local que eu, desde que não contamine meu alimento, água e local de trabalho”. Ou seja, o incômodo, por parte do biólogo, se mostrou totalmente em relação às possibilidades de contaminação, e não ao pombo em si.

A respeito das tensões, ao término da palestra, fui conversar com Felícia. Disse a ela que a palestra tinha sido muito útil para minha e que tinha gostado. Ela disse que dessa vez tinha sido tranquila, porque “o pessoal, dos terminais, que gosta de reclamar não vieram, mas quando você for ao cais você vai ver; vá preparada para ouvir”. Assim, a segunda tensão que pude notar é entre porto e cidade, e é muito curiosa. Como já dito acima, segundo os veterinários, o Porto é CODESP⁴⁷. Eles enfatizaram para mim essa separação territorial, explicando que Santos começa onde o porto se finda, por isso os projetos da CODESP não são os mesmos que da prefeitura. Contudo, Felícia disse que, quando se trata de questões de saúde, eles devem se unir e agir em conjunto, pois todos são afetados.

47 Esta é uma questão que precisa ser estudada a fundo, levando em conta o que a cidade, ou mesmo a Marinha, diz a esse respeito, bem como verificar as delimitações territoriais portuárias legais.

Nesse sentido, os pombos parecem unir, de alguma forma, porto e cidade, e fazer desta uma relação positiva – mesmo que seja no que diz respeito ao controle das aves. Por outro lado, ao conversar com algumas pessoas da cidade de Santos, todas apontam para aspectos negativos do porto em relação à cidade: “a região da praia mais próxima ao porto não é boa, é suja”; “as praias de Santos não são bonitas por causa desses navios”; “a região do porto é perigosa e lá é uma zona de prostituição”. Porém, economicamente, o porto parece ser muito favorável à cidade, elevando os índices de riqueza, arrecadação de impostos e PIB, de acordo com o site⁴⁸ da prefeitura de Santos. Ora, se pombos são um incômodo (sobretudo) ao porto, talvez se possa dizer que o porto, em muitos aspectos, seja um incômodo à cidade.

Convivências ambíguas: o problema de ser legião

Uma vez tomada ciência das relações diversas entre humanos e pombos, adentrarei agora à reflexão sobre estas aves enquanto *unloved others*. Se partirmos da definição de Deborah Rose e Thom van Dooren (op. cit.) de que estes sujeitos, em maioria (mas não somente) seres não mamíferos que estão tão mais próximos de nosso cotidiano, podemos, talvez, dizer que, pombos sejam, de fato, não amados. No entanto, olhemos agora um pouco mais de perto aos dados que apresentei.

No primeiro caso, temos a proibição por lei de alimentar as aves, sendo extremamente curioso o caso veneziano. Neste contexto, percebemos as aves enquanto pragas urbanas, sujeitos não tolerados na cidade, a qual, como bem nos lembra Lévi-Strauss (1957:126), é “a coisa humana por excelência”. Deste modo, não é difícil associar a figura do pombo urbano com a dos ratos e ratazanas que habitam, incomodam e contaminam os centros urbanos. Não à toa, muitas pessoas se referem aos pombos como *ratos de asas*. Isto é, pombos se distanciam de outros pássaros, os quais capturam o imaginário humano e são queridos – seja por suas cores ou cantos – e assemelham-se mais aos animais que são alvos de escória, como os ratos, por exemplo. No caso de Veneza aparecem dois fatores para além da relação, de certa forma restrita, entre pessoas e pombos: o turismo e a arquitetura local. Percebe-se uma *rede* de agentes e relações, tal como nos mundos multiespecíficos descritos anteriormente, envolvendo turistas, comerciantes, pombos, suas fezes, arquitetura local, ou mesmo o

48 Prefeitura de Santos. <www.santos.sp.gov.br/?q=conheca-santos/dados-gerais/37292-economia>.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

cartão-postal da cidade, a Praça de São Marcos. Ao adotar a lei de proibição, assim como no caso dos abutres da Índia descritos por van Dooren (op.cit.), toda a rede de agentes é afetada: comerciantes de grãos foram proibidos de continuar a venda no local; o turismo talvez sofra alguma consequência em longo prazo; as pessoas que insistirem em alimentar as aves deverão agora pagar uma multa, e a arquitetura talvez não mais receba fezes de pombos, e sim um restauro. Ou, talvez, os pombos continuem a habitar a Praça e interagir com os turistas, buscando apenas outra forma de alimentação.

Este também parece ser o caso do Porto de Santos, embora ainda seja muito cedo para conclusões. Contudo, os primeiros dados de campo apontam para toda uma rede portuária que é afetada a partir da relação de controle e não controle – no caso da não atuação da CODESP nos terminais – de pombos, o que também nos remete ao caso dos abutres de van Dooren (op.cit.). Isso permitiria estendermos a rede até a antropologia, pois, certamente, eu, como antropóloga, agora me encontro inserida nessa rede portuária por causa dos pombos. Desse modo, a presença das aves produz essa malha de relações envolvendo CODESP, terminais, cargas, barreiras e repelentes, prefeitura e antropólogos (ou antropóloga, no caso). Os afetos propriamente ditos ainda não se fizeram visíveis para mim, e espero poder notá-los, em minhas visitas ao porto, no modo de operação desta rede.

O segundo caso que apresentei trata do extermínio das aves, tanto como uma medida de controle populacional, em benefício das cidades – locais de maior concentração dos pombos – e da saúde das pessoas – tendo em vista que pombos podem ser agentes transmissores de patógenos que, por sua vez, podem ou não ocasionar doenças –, como também de maneira criminoso, por envenenamento. Aqui também se insere a fala do monsenhor, em Londrina, destacada acima, que defende o abate das aves em nome da saúde pública e desafiando ambientalistas, os quais, supostamente, seriam os agentes “defensores” das aves e que proporiam medidas menos extremas. No entanto, o incômodo com os pombos, a sujeira e o mau cheiro pareceu ser tão assombrosos que é possível – ao monsenhor e aos assinantes do abaixo-assinado, ao menos – desconsiderar o fato de que, por trás de cada pombo a ser abatido, existe uma vida mais-que-humana e um crime ambiental. Como o monsenhor declara, “estamos defendendo a população”, porém os pombos não se fazem defensáveis. E essa defesa à população nos remete a um já conhecido nosso: Foucault. Não é minha intenção aqui adentrar ao pensamento foucaultiano, ou ainda realizar uma reflexão pormenorizada em cima de sua obra, mas trazer à tona sua questão de que “é preciso defender a sociedade” (FOUCAULT, 2005). De que(m)? São cenários, tempos e agentes distintos; no entanto, o ponto



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

comum que os interligam é a existência de um indivíduo perigoso, do qual a sociedade deve ser defendida. Se antes esses indivíduos perigosos eram humanos, neste caso são as aves – e outros animais indesejados. É preciso, então, defender a sociedade dos perigos trazidos pelos pombos urbanos!

Todavia, muitas pessoas parecem não ver este perigo nas aves e preferem tratá-las como companhia. No caso de Teresina, outra rede de agentes é estabelecida: uma praça reabilitada, pombos, transeuntes, turistas, um vendedor de lanches, e até mesmo uma “rainha dos pombos”. Estas interações, ao reabilitarem a praça, pode-se dizer que, também geraram uma vida, não da mesma forma que os abutres (no caso descrito por van Dooren) o fazem, mas no sentido de gerar a habitação da praça outrora abandonada.

Quando olhamos para o último caso, da apreciação dos pombos enquanto arte e atletas, a relação entre individualidade e multidão é notória. Sendo os pombos coloridos, ou competidores, e cada qual com sua identidade, percebe-se certa individualidade nestas aves, o que colabora para uma apreciação além do belo, uma apreciação de *originalidade*, em contraponto à noção de multidão – ou legião, bando – em que a individualidade é perdida, e, portanto, não apreciada. Este aspecto também é enfatizado na fala do fotógrafo Andrew Garn, o qual diz que o problema é que os pombos são abundantes; se fossem raros, as pessoas os veriam de outra forma. A respeito dessa tensão entre individualidade e multidão, resgato a noção de legião de Deleuze & Guattari (1997). Para os filósofos existem animais edipianos e animais que conduzem a um devir, que são exatamente os animais que compõem legiões, matilhas, enxames, ou seja, opostos à individualidade do animal edipiano. Estes animais de legiões pressupõem uma reprodução por contágio, epidemia. Pensando a partir destas categorias, pombos, na condição de multidão, podem ser pragas, transmissores de patógenos, indesejados, *unloved others*, ao passo que, como sujeitos individuais, podem ser apreciados, seja como arte, esporte, ou companhia. Contudo, fazem-se também ambíguos, não podendo se valer como uma regra, pois nos casos de turismo, tanto de Veneza, quanto de Teresina, os pombos são queridos enquanto multidão.

Considerações Finais

É evidente, então, essa posição ambígua⁴⁹ em que os pombos se encontram devido a sua condição enquanto indivíduos ou multidão. Mas tal ambiguidade também se refere ao ambiente habitado pelas aves. E aqui atentemo-nos ao seguinte: sendo muitas, elas passam a oferecer um risco à saúde humana e, portanto, indesejadas na “coisa humana por excelência” que é a cidade. Mas aqui emerge outra noção, embora tenha passado despercebida ao longo do texto, que diz respeito à impureza em seu sentido ocidental. Esta ideia de impureza, segundo Mary Douglas (1991), constitui um tipo de relação, isto é, algo não é impuro em si, mas quando fora da ordem, quando fora do lugar em que deveria estar. Nesse sentido, se pombos em sua abundância não devem habitar a cidade, logo, passam a ser considerados impuros, além de indesejados. Mas o que faz dessas aves tão indesejadas no espaço urbano?

Podemos elencar algumas possibilidades como a estética das aves, já que pombos não apresentam uma variedade de cores, ou cantos cativantes, como outras aves; sua existência em abundância, que parece, às vezes, incomodar enquanto legião; o risco oferecido à saúde humana, que se atrela a outros fatores, como as condições em que estão sujeitas para ocasionar este risco, bem como a situação inversa – dos humanos oferecerem riscos às aves⁵⁰ – que mal é levada em consideração. Além disso, poderia se dizer que “*é na companhia dos homens que os animais domésticos se degradam*”; concepção que insinua uma vida humana igualmente degradada” (FARAGE, 2011:297 – grifo meu); ou a sujeira decorrente de suas fezes, que pode remeter a uma ideia da estética do grotesco no Ocidente, em que os orifícios eram seus maiores símbolos, tendo em vista a expulsão de excrementos que sugerem a ideia de exceder os limites do corpo, atravessar fronteiras (BAKHTIN, 1987). Estas possibilidades, no entanto, parecem todas decorrentes de uma visão de mundo não mais-que-humana. Se passarmos a olhar para o mundo como mais-que-humano, não hierarquizaremos as espécies, tampouco poríamos o humano num pedestal da vida. Logo, essa

49 Aqui também poderia ser explorada a posição ambígua do Porto de Santos, sendo ora um incômodo à cidade no que se refere à sujeira, estética e perigos, ora viável e interessante em termos econômicos.

50 A respeito dos humanos causarem doenças às aves, ver MARTINS, Maurício (2015). “Doença causada por pombo leva jovem de Santos ao hospital”. A Tribuna, 14 de outubro. <<http://www.tribuna.com.br/noticias/noticias-detalle/cidades/doenca-causada-por-pombo-leva-jovem-de-santos-ao-hospital/?cHash=a143b34e3533e4ac5b6017b945fc6af0>>. Acesso em 14 de dezembro de 2015.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

antropologia da vida, ou multiespecífica, possibilitaria que pensássemos em estratégias de convívio – para utilizar os termos de *to live with* de Donna Haraway (2008) – em benefício não só dos humanos, mas de toda a rede de agentes envolvidos em relação.

Bibliografia:

BAKHTIN, Mikhail. “A imagem grotesca do corpo em Rabelais e suas fontes”. In: *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BRASIL. *Lei nº 9.605 de 12 de fevereiro de 1998*: Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. (Lei dos Crimes Ambientais).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

DESCOLA, Philippe. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. *Mana*, Rio de Janeiro, n. 4, v. 1, p. 23-45, 1995.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo: ensaio sobre a noção de poluição e tabu*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991.

FARAGE, Nádia. “De ratos e outros homens: resistência biopolítica no Brasil moderno”. In: LÉPINE, C; HOFBAUER, A; SCHWARCZ, L. M. (Org.) *Manuela Carneiro da Cunha: o lugar da cultura e o papel da Antropologia*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HARAWAY, Donna. *When species meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

KIRKSEY, S. Eben; HELMREICH, Stefan. The emergence of multispecies ethnography. *Cultural Anthropology*, v. 25, issue 4, p. 545–576, 2010.

KOHN, Eduardo. How dogs dream: Amazonian natures and the politics of transspecies engagement. *American Ethnologist*, v. 34, n. 1, p. 3–24, 2007.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia
Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

_____. *How forest think: toward an anthropology beyond the human*. Berkeley: University of California Press, 2013.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Anhembi, 1957.

ROSE, Deborah Bird; VAN DOOREN, Thom. Unloved Others: Death of the Disregarded in the Time of Extinctions. *Australian Humanities Review*, issue 50, 2011.

TSING, Anna. Arts of Inclusion, or, How to Love a Mushroom. *Australian Humanities Review*, issue 50, p. 05-21, 2011.

VAN DOOREN, Thom. Vultures and their People in India: Equity and Entanglement in a Time of Extinctions. *Australian Humanities Review*, issue 50, p. 45-61, 2011.